

INÊS GONÇALVES GOMES PEREIRA

**PERFIS DE MULHERES SEXUALMENTE
AGRESSIVAS E FATORES DE RISCO
DINÂMICOS: UM ESTUDO NUMA AMOSTRA DE
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS**

Orientador: Prof.º Doutor Nélio Brazão

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2022

INÊS GONÇALVES GOMES PEREIRA

**PERFIS DE MULHERES SEXUALMENTE
AGRESSIVAS E FATORES DE RISCO
DINÂMICOS: UM ESTUDO NUMA AMOSTRA DE
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Forense, no Curso de Mestrado em Psicologia Forense, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 21 de outubro de 2022, perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º 304/2022, de 13 de outubro de 2022, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.^a Doutora Carolina da Motta

Arguente: Prof.^a Doutora Ana Rita Cruz

Orientador: Prof.º Doutor Nélio Brazão

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2022

Agradecimentos

Em primeiro lugar, à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em particular à Escola de Psicologia e Ciências da Vida, por ter sido a minha casa ao longo destes últimos 2 anos.

Ao meu orientador académico Professor Doutor Nélio Brazão, por todo o esforço, empenho, disponibilidade e apoio incansável que demonstrou ao longo do mestrado, em particular como orientador académico. Nesta perspetiva, demonstrou, sempre, compreensão, exigência e, acima de tudo, muito profissionalismo, motivando-me todos os dias a fazer sempre mais e melhor e, por isso, manifesto-lhe um especial agradecimento.

A todos os professores, por terem contribuído e enriquecido a minha formação, devido a todo o conhecimento partilhado e toda a dedicação que colocam nas temáticas que lecionam.

À Joana Brotas, a companheira de todas as horas, por todo o apoio partilhado durante todas aquelas tardes de trabalho árduo, pela paciência necessária para me ouvir a desabafar e por estar presente durante todos os momentos desta etapa.

Ao meu namorado, Gonçalo, pelo companheirismo, por ser a minha fonte inesgotável de apoio e motivação em todos os momentos, por acreditar em mim e nas minhas capacidades e pela paciência que demonstrou ter nesta etapa da minha vida.

Aos meus amigos, pelas palavras de incentivo, por me ouvirem com entusiasmo sempre que partilhava experiências e por compreenderem a minha ausência nos momentos de maior trabalho.

À minha “pequenina” irmã, Leonor, por me ajudar a distrair e descansar quando mais necessitava, mesmo que o fizesse de forma inconsciente. Espero que sinta tanto orgulho e admiração por mim, como eu sinto por ela.

Por fim, os primeiros. Aos meus pais que apesar de, na maioria das vezes, não estarem fisicamente presentes, sempre me apoiaram incondicionalmente e sem eles nada disto seria possível. Por isso, agradeço-lhes todo o carinho, força, paciência e por acreditarem em mim e no meu sonho, permitindo-me segui-lo. Sou-vos eternamente grata por tudo.

Resumo

O presente estudo procurou investigar se existem diferentes perfis de mulheres sexualmente agressivas e testar se existem diferenças entre esses perfis em sintomas psicopatológicos, mitos sobre a VS, dificuldades de regulação emocional e na intimidade. A amostra foi composta por 559 estudantes universitárias heterossexuais, verificando-se que 31.1% já recorreu, pelo menos uma vez, a estratégias sexualmente agressivas na interação com o sexo oposto. Deste grupo de participantes, foram encontrados dois perfis: Mulheres que recorrem às três estratégias de forma igualitária; e Mulheres que recorrem maioritariamente à coação sexual. Não foram encontradas diferenças significativas entre os perfis na psicopatologia, crenças sobre VS e dificuldades de regulação emocional. Relativamente à intimidade, os perfis distinguem-se na Validação Pessoal e na Comunicação. Especificamente, as mulheres que recorrem maioritariamente à coação sexual sentem-se menos validadas pelo parceiro e consideram existir menos comunicação entre o casal, comparativamente às mulheres que recorrem às três estratégias de forma igualitária. Estes resultados sublinham a importância da implementação de programas de prevenção e intervenção em contexto universitário, que se devem focar não só na heterogeneidade das mulheres sexualmente agressivas, mas também nos fatores de risco dinâmicos, com especial destaque para as dificuldades ao nível relacional na intimidade.

Palavras-chave: estudantes universitários do género feminino; fatores de risco dinâmicos; perfis; violência sexual.

Abstract

The aim of this study was to investigate whether there are different profiles of sexually aggressive women and to test whether there are differences between these profiles in psychopathological symptoms, rape myths, difficulties in emotional regulation and intimacy. The sample was composed of 559 heterosexual university students, of which 31.1% had already resorted, at least once, to resort to sexually aggressive strategies when interacting with men. From this group of participants, two profiles were found: Women who use the three strategies equally; and Women who mostly resort to sexual coercion. No significant differences were found between profiles in psychopathology, rape myths and difficulties in emotional regulation. In terms of intimacy, the profiles were distinguished in Personal Validation and Communication. Specifically, women who mostly resort to sexual coercion feel less validated by their partner and consider that there is less communication between the couple, compared to women who use the three strategies equally. These results stress the need of delivering prevention and intervention programs in colleges, which should focus not only on the heterogeneity of sexually aggressive women, but also on dynamic risk factors, with special emphasis on relational difficulties in intimacy.

Keywords: dynamic risk factors; female university students; profiles; sexual violence.

Lista de abreviaturas e siglas

APA - *American Psychological Association*

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

BSI – *Brief Symptom Inventory* (Inventário de Sintomas Psicopatológicos)

CEDIC - Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica

DERS – *Difficulties in Emotion Regulation Scale* (Escala de Dificuldades de Regulação Emocional)

ECVS – Escala de Crenças sobre Violência Sexual

EPCV – Escola de Psicologia e Ciências da Vida

SABS – *Sexually Aggressive Behavior Scale* (Escala de comportamentos sexualmente agressivos)

ULHT – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

VS – Violência Sexual

WHO – *World Health Organization* (Organização Mundial da Saúde)

Índice Geral

Índice de Tabelas.....	8
Introdução.....	9
Metodologia	13
1. Participantes	13
2. Instrumentos	14
2.1. Questionário sociodemográfico.....	14
2.2. Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos (SABS).....	14
2.3. Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS).....	15
2.4. Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (DERS)	15
2.5. Escala de Avaliação da Intimidade na Relação (PAIR).....	16
2.6. Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI).....	17
3. Procedimentos de investigação	17
4. Análise de dados	18
Resultados	19
1. Prevalência de comportamentos sexualmente agressivos	19
2. Análise de clusters.....	20
3. Diferença entre os perfis nas variáveis dependentes	21
3.1 Sintomas Psicopatológicos e Crenças sobre a Violência Sexual	21
3.2 Dificuldades de Regulação Emocional	22
3.3 Grau de Intimidade Percecionado	23
Discussão	23
Referências.....	28

Índice de Tabelas

Tabela 1	13
Caraterização sociodemográfica da amostra	
Tabela 2	19
Frequência de repostas assinaladas com 1 (pelo menos uma vez) aos itens da escala SABS	
Tabela 3	20
Análise de Clusters: Frequência e Percentagem por Cluster	
Tabela 4	20
Análise de Clusters: Centros dos Clusters, estatística F por variável e <i>p-value</i>	
Tabela 5	21
Análise univariada: diferenças entre os perfis para os sintomas psicopatológicos e crenças sobre a violência sexual	
Tabela 6	22
Análise univariada: diferenças entre os perfis para as dificuldades de regulação emocional	
Tabela 7	22
Análise univariada: diferenças entre os perfis para as dificuldades em estabelecer relações de intimidade	

Introdução

Atualmente, parece existir um consenso alargado de que a violência sexual (VS) pode ser definida como sendo qualquer ato sexual consumado ou na forma tentada em que a vítima não consente, é incapaz de consentir ou concordar de forma informada e/ou consciente ou é convencida, por vários meios, a aceitar a sua participação no ato sexual (e.g., penetração vaginal e/ou anal com o pénis, outra parte do corpo ou objetos; sexo oral; e qualquer interação de natureza sexual, como comentários de cariz sexual indesejados ou prostituição forçada; American Psychological Association [APA], 2018; Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV], 2022; World Health Organization [WHO], 2014). A VS pode ocorrer em diferentes contextos, independentemente do tipo de relação existente entre agressor-vítima, faixa etária, género, orientação sexual, nível socioeconómico dos envolvidos e de qualquer outra característica (APAV, 2022; APAV, 2013; do Nascimento et al., 2020), sendo, por isso, considerada um fenómeno global e complexo, com graves consequências a nível social e individual (Carvalho, 2018; WHO, 2012).

A perpetração de VS é, frequentemente, associada ao sexo masculino, levando a que a literatura se foque, maioritariamente, no homem enquanto agressor e na mulher enquanto vítima, limitando, assim, o conhecimento científico sobre mulheres sexualmente agressivas (Bhochhibhoya et al., 2019; Budd, 2017; Carvalho & Nobre, 2016; Carvalho et al., 2018; Carvalho, 2018; Wijkman & Bijleveld, 2015). Contudo, e embora a maioria dos crimes sexuais sejam praticados por homens contra mulheres, os dados estatísticos têm demonstrado que a VS pode, também, ser perpetrada por mulheres, sendo este um tema emergente na sociedade (Carvalho & Nobre, 2016; Carvalho, 2018; Turchick & Edwards, 2012).

Segundo os dados do *National Intimate Partner and Sexual Violence Survey* (2018), apesar das mulheres serem apontadas como principais vítimas de VS, 24.8% dos homens nos EUA já experienciaram alguma forma de VS durante a sua vida. Especificamente, 2.6% dos homens relatou já ter sido vítima de violação (na forma tentada ou consumada), 7.1% foram forçados a penetrar sexualmente outra pessoa (na forma tentada ou consumada), 9.6% foram coagidos sexualmente e 17.9% já experienciou algum tipo de contacto sexual indesejado em algum momento da sua vida. Desta forma, e de acordo com literatura e estatísticas internacionais recentes, a prevalência atual de VS perpetrada por mulheres é superior ao que se pensava anteriormente (Stemple et al., 2016), estimando-se que entre 5.4 a 48.6% de todos os crimes sexuais sejam praticados por mulheres (e.g., Cortoni et al., 2016; Cortoni et al., 2017; Hines & Douglas, 2016; Williams & Bierie, 2015).

Em Portugal, o relatório de crimes sexuais da APAV reportou que no ano de 2018 foram registados 1280 crimes sexuais, dos quais 47 foram perpetrados por mulheres. Embora este número seja substancialmente menor que os crimes sexuais perpetrados por homens, comparando com anos anteriores é evidente o aumento significativo (e.g., em 2013 o número de crimes sexuais perpetrados por mulheres era de 14; APAV, 2018).

A investigação tem demonstrado que existem grupos de indivíduos que apresentam uma maior vulnerabilidade para a perpetração e/ou vitimização de VS (Anderson et al. 2019; Brennan et al., 2019). Mais especificamente, a VS representa um dos tipos mais comuns de violência entre os estudantes do ensino superior (Anderson et al. 2019; Bhochhibhoya et al., 2019; Brennan et al., 2019; Garland et al., 2018). Congruentemente, tem-se vindo a demonstrar que as mulheres com elevadas habilitações literárias constituem um potencial grupo de risco para a perpetração de VS (Carvalho et al., 2018).

A título de exemplo, num estudo com 794 estudantes do ensino superior do sexo feminino, 32.7% dos participantes reportaram ter comportamentos sexualmente agressivos, observando-se que 72.3% das estudantes recorreu à coação sexual, sendo esta a estratégia mais utilizada como meio de iniciar o contacto sexual (Carvalho et al., 2018). Observou-se também que 46.5% utilizou estratégias de abuso sexual e 13.1% estratégias de força física. Considerando a sobreposição entre estas estratégias, Carvalho e colaboradores (2018) sugerem a possibilidade do uso de uma combinação de estratégias, podendo esta ser uma prática comum nas mulheres sexualmente agressivas. No entanto, considerando os resultados deste e de outros estudos existentes, observa-se que as mulheres sexualmente agressivas utilizam, na maioria das vezes, estratégias *hands-off* (i.e., abordagens de natureza psicológica como a pressão verbal, a chantagem e a manipulação; Turchik & Edwards, 2012; Carvalho & Nobre, 2016; Carvalho et al., 2018).

Adicionalmente, outros autores encontraram taxas de prevalência significativas de perpetração de VS entre estudantes universitários do sexo feminino, variando entre 6.5 e 35.8% (e.g., Carvalho & Nobre, 2016; Tomaszewska & Krahé 2016). Não obstante estes dados, sugere-se que a prevalência da VS perpetrada por mulheres sexualmente agressivas poderá ser subestimada, permanecendo despercebida ou não detetada, podendo isso dever-se ao facto de existir uma subnotificação por parte das vítimas (Baker, 2014; Tozdan et al., 2019; Cortoni et al., 2017; Williams & Bierie, 2015). Esta subnotificação poderá resultar da dificuldade das vítimas em reportar crimes sexuais, devido ao estigma associado aos mesmos e da tendência por parte da sociedade a minimizar este tipo de crimes (Stathopoulos, 2014; Tasca et al., 2013).

As mulheres, devido aos papéis de género tradicionais, são muitas vezes entendidas como sendo cuidadoras, não agressivas e não sexuais (Harrati et al., 2018; Jozkowski & Peterson, 2013). Tal perceção poderá levar a que os crimes sexuais perpetrados pelas mesmas desafiem determinadas crenças e mitos sociais, nomeadamente as mulheres terem papéis passivos nas relações sexuais e interpessoais, não poderem abusar sexualmente de homens, serem “fracas” e, como tal, serem as únicas vítimas possíveis de VS, entre muitos outros (Carvalho et al., 2018; Fisher & Pina, 2013; Turchik & Edward, 2012). Estas crenças estereotipadas são transversais a diversos grupos, independentemente do contexto social e profissional dos indivíduos que as endossam (Carvalho & Brazão, 2021; Turchik & Edwards, 2012). Consequentemente, as vítimas poderão não reportar o crime sexual ocorrido por não se adequar à definição social de VS ou por não quererem ser estigmatizadas (Walfield, 2018). Para além disso, as mulheres sexualmente agressivas podem minimizar a gravidade dos seus comportamentos e os possíveis danos causados nas vítimas (Cohn, et al., 2013).

Desta forma, diversos autores têm vindo a demonstrar a existência de uma relação direta entre as crenças e os comportamentos sexualmente agressivos, dado que tanto as mulheres como os homens sexualmente agressivos tendem a endossar mais crenças estereotipadas sobre a VS (Cortoni & Gannon, 2016; Wegner et. al, 2015; Trottier et al., 2019). Assim sendo, os mitos e crenças sociais poderão ser considerados fatores de risco dinâmicos para a VS, dado que estes últimos são características pessoais, contextuais ou situacionais que aumentam a probabilidade de perpetração da VS (Cortoni & Gannon, 2016; Martínez-Catena et al., 2016; Casey, 2016).

Além dos mitos, também as dificuldades de regulação emocional, dificuldades em estabelecer relações de intimidade e sintomas psicopatológicos foram apontados como fatores de risco dinâmicos para a VS, podendo contribuir para a sua origem e manutenção (Bouffard et al., 2016; Carvalho et al., 2018; Carvalho & Nobre, 2013; Cortoni & Gannon, 2013).

De forma global, as mulheres sexualmente agressivas apresentam dificuldades em lidar com situações de vida stressantes e em regular as emoções, quando associadas a estados emocionais negativos (Carvalho et al., 2018; Cortoni & Gannon, 2013; Cortoni & Gannon, 2016), tendo as mesmas reportado ter experienciado eventos stressores imediatamente antes da perpetração de VS (Gannon et al., 2010). Assim, o comportamento sexualmente agressivo poderá surgir como resposta a eventos stressores (i.e., *triggers* para a VS), podendo, também, surgir com o intuito de satisfazer as necessidades emocionais, quando há uma evidente perda de controlo devido às dificuldades de regulação emocional (Carvalho et al., 2018). Deste modo,

a VS pode desempenhar uma função homeostática, aliviando a ansiedade e os estados emocionais negativos que os indivíduos sexualmente agressivos possam estar a sentir (Carvalho et al., 2018; Craig et al., 2020; Stinson, 2017).

As mulheres sexualmente agressivas, também, parecem apresentar dificuldades em estabelecer relações de intimidade, o que poderá ser explicado pelas suas competências sociais precárias e por fatores contextuais que promovem o isolamento e a solidão emocional, sendo que as suas necessidades emocionais e sexuais poderão não ser satisfeitas, aumentando a sua vulnerabilidade à perpetração de VS (Cortoni & Gannon, 2013; Cortoni & Gannon, 2016; Martin & Tardif, 2015). Por outras palavras, as mulheres sexualmente agressivas poderão recorrer a agressões sexuais como tentativa de satisfazer as suas necessidades de intimidade (Martin & Tardif, 2014; Martin & Tardif, 2015).

Considerando as dificuldades anteriormente mencionadas, a literatura tem demonstrado que as mulheres sexualmente agressivas apresentam níveis elevados de psicopatologia (Carvalho et al., 2018; Francia et al., 2010). Mais especificamente, em Portugal, Carvalho e colaboradores (2018), realizaram um estudo numa amostra de estudantes universitárias e encontraram níveis significativos de somatização, depressão, obsessões e compulsões, ansiedade, ideação paranóide, sensibilidade interpessoal, hostilidade, ansiedade fóbica e psicoticismo em jovens adultas. Os autores sugerem, assim, que o comportamento sexualmente agressivo poderá surgir num contexto de vulnerabilidade psicológica.

Em consequência de ambos os sexos poderem partilhar alguns dos fatores de risco dinâmicos supramencionados, o conhecimento existente na literatura acerca dos homens sexualmente agressivos é frequentemente aplicado às mulheres, embora de forma errónea (Williams & Bieri, 2015; Cortoni, 2015; Cortoni & Gannon, 2016). Tal acontece devido ao facto de o comportamento sexualmente agressivo perpetrado por mulheres passar despercebido no campo académico, social e jurídico, sendo as investigações nesta área ainda muito limitadas (Carvalho et al., 2018; Carvalho, 2018; Miller & Marshall, 2018; Wijkman & Bijleveld, 2015; Williams & Bieri, 2015). Além disso, e apesar dos fatores de risco dinâmicos supramencionados serem apontados na caracterização de indivíduos sexualmente agressivos, estes estudos foram maioritariamente realizados com amostras forenses (i.e., agressores sexuais condenados) (Carvalho & Sá, 2020).

Assim, a escassez de literatura científica em amostras comunitárias (Carvalho, 2018; Carvalho et al., 2018) não permite conhecer se existem diferentes perfis de mulheres sexualmente agressivas. Por sua vez, esta lacuna dificulta o desenvolvimento de modelos

conceptuais adequados sobre a VS perpetrada por mulheres, a formulação de possíveis necessidades de intervenção através da identificação dos fatores de risco dinâmicos, bem como o desenvolvimento de programas de prevenção/intervenção (Bouffard et al., 2016; Carvalho & Nobre, 2016; Cortoni & Gannon, 2016; Miller & Marshall, 2018).

De modo a colmatar essas lacunas, esta Dissertação pretende explorar se existem diferentes perfis de mulheres sexualmente agressivas e testar se existem diferenças entre os perfis nos fatores de risco dinâmicos para a VS. Especificamente, esta Dissertação tem os seguintes objetivos: 1) avaliar a prevalência de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitárias; 2) investigar se existem diferentes perfis de mulheres sexualmente agressivas; 3) testar se existem diferenças entre os perfis no endosso de sintomas psicopatológicos e de mitos sobre a VS, nas dificuldades de regulação emocional e na intimidade. Tendo em conta a natureza exploratória deste estudo, não foram estabelecidas hipóteses de investigação.

Metodologia

1. Participantes

Os participantes deste estudo foram estudantes universitários heterossexuais do género feminino com idades compreendidas entre os 18 e os 39 anos. A seleção inicial das participantes obedeceu aos seguintes critérios de exclusão: (1) ter idade inferior a 18 anos, (2) identificar-se com outro género que não o feminino, (3) identificar-se com outra orientação sexual que não a heterossexual, e (4) ausência de experiência sexual com o sexo oposto. Oitocentos e oitenta e sete (887) participantes responderam ao protocolo de avaliação (cf. instrumentos e procedimentos de investigação). No entanto, duas participantes identificaram-se como homossexuais, cinco referiram não ter iniciado a vida sexual e 315 não completaram o protocolo. Estas participantes foram excluídas do estudo, sendo a amostra final constituída por 559 estudantes universitárias. Os dados sociodemográficos das participantes são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Caraterização sociodemográfica da amostra

	M	DP
Idade	23.40	5.45
Idade da primeira relação sexual	16.96	2.07
	N	%
Estado civil		
Solteira	474	84.8

Casada	34	6.1
União de facto	39	7
Separada	4	.4
Divorciada	10	1.8
Habilitações literárias		
Licenciatura	432	77.3
Mestrado	110	19.7
Doutoramento	13	2.3
Outro	4	.7
Número de parceiros sexuais atuais		
Nenhum	138	24.7
Um parceiro sexual	406	72.6
Dois parceiros sexuais	2	.4
Múltiplos parceiros sexuais	13	2.3

Nota. Múltiplos parceiros sexuais – Três ou mais parceiros.

Outro - Pós-Graduação.

2. Instrumentos

2.1. Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi desenvolvido especificamente para esta investigação. Pretendeu-se, de forma breve, recolher uma diversidade de informações quanto às características sociodemográficas de cada participante. A informação recolhida contemplou: idade, estado civil, habilitações, número de parceiros sexuais, entre outras características.

2.2. Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos (SABS)

A SABS (Anderson, 1996; versão portuguesa: Rosa et al., 2021) é um instrumento de autorrelato, composto por 26 itens, que avaliam estratégias sexualmente agressivas, nomeadamente: coação sexual, abuso sexual e força física. Assim sendo, pretende-se medir a frequência do uso de cada estratégia, pelo que à coação sexual correspondem quatro itens (e.g., “quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem ameaçando acabar com a vossa relação?”); ao abuso sexual correspondem quatro itens (e.g., “Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem usando a sua posição de poder ou autoridade [patroa, professora, baby-sitter, conselheira ou supervisora]?”) e à força física correspondem três itens (e.g., “quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem usando algum tipo de força física?”).

Os restantes 14 itens são considerados neutros, referindo-se a situações sexuais consensuais (e.g., “quantas vezes já teve contacto sexual - carícias, beijos ou relações sexuais - com um/a homem/mulher quando ambos queriam?”). Os participantes deverão indicar quantas

vezes já iniciaram contacto sexual com recurso à estratégia sexual mencionada, através de uma escala dicotómica (0 = nunca; 1 = pelo menos uma vez).

No que concerne às propriedades psicométricas, a versão original do instrumento revelou uma consistência interna aceitável, com um alpha de Cronbach de .75 (Anderson, 1996). A versão portuguesa apresentou boas características psicométricas, com valores de *Composite Reliability* (CR) superiores a .80 (Rosa et al., 2021). No presente estudo, foram encontrados os seguintes valores de CR: .80 para Abuso Sexual, .85 para Coação Sexual e Força Física, e .95 para o total da escala.

2.3. Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS)

A ECVS (Martins et al., 2012) é um instrumento de autorrelato constituído por 30 itens que avaliam o grau de tolerância/aceitação que o indivíduo tem relativamente ao uso de comportamentos sexualmente agressivos (e.g. “Forçar o(a) cônjuge (marido/esposa) a ter relações sexuais não é violação”) (Martins et al., 2012). Cada item é respondido com base numa escala de cinco pontos (1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente), e a pontuação total da escala é obtida através do somatório direto das respostas de cada um dos itens, sendo que quanto mais elevada for a pontuação, maior o grau de aceitação da violência sexual, (Martins et al., 2012).

A versão original do questionário apresentou excelentes níveis de consistência interna em amostras comunitárias, sendo o Alpha de Cronbach igual a .91 (Martins et al., 2012). Neste estudo, o alfa foi de .89, mostrando uma consistência interna boa.

2.4. Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (DERS)

A DERS (Gratz & Roemer, 2004; versão portuguesa: Coutinho et al., 2010) avalia as dificuldades na regulação emocional experienciadas por adultos a vários níveis. Esta escala é constituída por 36 itens distribuídos por seis fatores: a dificuldade em aceitar as suas emoções (seis itens - e.g., “quando estou em baixo, sinto-me culpado por me sentir assim”), dificuldades relacionadas com os comportamentos dirigidos por objetivos (cinco itens - e.g., “quando estou em baixo, tenho dificuldade em concentrar-me”), dificuldades de controlo de impulsos (seis itens - e.g., “quando estou em baixo, fico fora de controlo”), falta de consciência emocional (seis itens - e.g., “presto atenção a como me sinto”), acesso limitado às estratégias de regulação emocional (sete itens - e.g., “quando estou em baixo, penso que vou sentir-me assim por muito

tempo”) e falta de clareza emocional (cinco itens - e.g., “não tenho nenhuma ideia de como me sinto”). Esta escala é um instrumento de autorresposta, em que cada item é respondido através de uma escala de tipo Likert de 1 (“Quase nunca”) e 5 (“Quase sempre”).

No que diz respeito às propriedades psicométricas, a DERS revelou possuir uma elevada consistência interna com alfa de Cronbach de .93 na versão original (Gratz & Roemer, 2004), enquanto na versão portuguesa apresentou um valor de .92 (Coutinho et al., 2010). No presente estudo, foram encontrados os seguintes alfas de Cronbach: Não aceitação da resposta emocional ($\alpha = .87$); Dificuldades em orientar comportamentos para objetivos ($\alpha = .83$); Dificuldades no controlo de impulsos ($\alpha = .85$); Falta de consciência emocional ($\alpha = .79$); Acesso limitado a estratégias de regulação emocional ($\alpha = .88$); Falta de clareza emocional ($\alpha = .85$).

2.5. Escala de Avaliação da Intimidade na Relação (PAIR)

O PAIR (Schaefer e Olson, 1981; versão portuguesa: Moreira & Canavarro, 2007) é um instrumento de autorresposta composto por 29 itens que avaliam o grau de intimidade percebido (grau em que cada indivíduo se sente íntimo nas várias dimensões da sua relação) (Moreira et al., 2009).

Os itens são distribuídos por três fatores, sendo eles a validação pessoal (validação pelo companheiro) com 14 itens (e.g., “Por vezes sinto-me negligenciado(a) pelo(a) meu (minha) companheiro(a)”), a comunicação (expressão de sentimentos ou desejos numa relação amorosa) com 10 itens (e.g., “O meu (minha) companheiro(a) escuta-me quando preciso de falar com alguém”) e a abertura ao exterior (partilha de momentos com um grupo de pares) com cinco itens (e.g., “Passar tempo em conjunto com os amigos é uma parte importante das nossas atividades em comum”). Cada item é respondido com base numa escala de cinco pontos, entre 0 (discordo fortemente) a 4 (concordo fortemente) (Moreira et al. 2009).

No que diz respeito às propriedades psicométricas, a versão original do instrumento apresentou uma consistência interna razoável com o alfa de Cronbach de .70 (Schaefer & Olson, 1981). Na versão portuguesa os alfas de Cronbach variaram entre .71 (Abertura ao Exterior) e .92 (Score total) (Moreira et al., 2009). Neste estudo, os níveis de consistência interna foram: .88 para Validação Pessoal, .90 para Comunicação, .75 para Abertura ao Exterior.

2.6. Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI)

O BSI (Derogatis & Spencer, 1982; versão portuguesa: Canavarro, 1999) é um instrumento de autorrelato, composto por 53 itens, que avalia a presença e a intensidade de sintomas psicopatológicos, através de nove dimensões: somatização (sete itens - e.g., “dores sobre o coração ou no peito”), obsessões-compulsões (seis itens - e.g., “sentir necessidade de verificar várias vezes o que faz”), sensibilidade interpessoal (quatro itens - e.g., “sentir-se inferior aos outros”), depressão (seis itens - e.g., “sentir-se sozinho mesmo quando se está com mais pessoas”), ansiedade (seis itens - e.g., “ter ataques de terror ou pânico”), hostilidade (cinco itens - e.g., “aborrecer-se ou irritar-se facilmente”), ansiedade fóbica (cinco itens - e.g., “sentir-se mal no meio das multidões como lojas, cinemas ou assembleias”), ideação paranóide (cinco itens - e.g., “impressão de que os outros o costumam observar ou falar de si”) e, por último, psicoticismo (cinco itens - e.g., “ter a impressão que as outras pessoas podem controlar os seus pensamentos”). Cada item é respondido através de uma escala de tipo Likert de 0 (“Nunca”) a 4 (“Muitíssimas vezes”), onde o participante avalia o grau em que cada um dos problemas já o afetou.

Relativamente às propriedades psicométricas, a versão original do instrumento (Derogatis & Spencer, 1982) apresentou valores de alpha de Cronbach entre .71 (Psicoticismo) e .85 (Depressão). A versão portuguesa revelou níveis de consistência interna que variaram entre .62 (psicoticismo) e .80 (somatização) (Canavarro, 1999). Neste estudo, foram encontrados os seguintes alfas de Cronbach: Somatização ($\alpha = .85$); Obsessões e Compulsões ($\alpha = .78$); Sensibilidade Interpessoal ($\alpha = .78$); Depressão ($\alpha = .88$); Ansiedade ($\alpha = .81$); Hostilidade ($\alpha = .79$); Ansiedade Fóbica ($\alpha = .75$); Ideação Paranóide ($\alpha = .80$); Psicoticismo ($\alpha = .75$).

3. Procedimentos de investigação

Este estudo foi realizado no âmbito do projeto de investigação "FEMOFFENCE - O mito da inocência: Uma abordagem mista para a compreensão da violência sexual perpetrada por mulheres" (PTDC/PSI-GER/28097/2017), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica (CEDIC) da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Após a devida aprovação da CEDIC, os dados foram recolhidos *online* e presencialmente. Para a recolha de dados *online*, desenvolveu-se na plataforma *Qualtrics* um *link* de acesso ao formulário de Consentimento Informado e ao protocolo de avaliação, que foi divulgado em diversas redes sociais – pessoais e institucionais – com o título “Como é que os estudantes universitários interagem com o sexo oposto, do ponto de vista sexual?”. A recolha de dados presencial foi realizada coletivamente, em contexto de sala de aula, em várias instituições de Ensino Superior. De modo a salvaguardar possíveis enviesamentos devidos à desejabilidade social dos participantes, os objetivos e conteúdos do estudo foram omitidos. Contudo, os participantes foram devidamente informados acerca da natureza intimista do mesmo. A participação no estudo foi de carácter voluntário – não existindo qualquer incentivo monetário - e foi assegurada a confidencialidade e o uso exclusivo dos dados para fins de investigação.

4. Análise de dados

Os dados foram analisados com o software estatístico IBM SPSS v.28. Para a caracterização sociodemográfica da amostra foi realizada estatística descritiva ou análise de frequências (dependendo da natureza das variáveis). Para o estudo de prevalência de comportamentos sexualmente agressivos na amostra, recorreu-se à análise de frequências dos itens da escala SABS, assim como do *score* obtido no total da escala. Uma pontuação de 0 indicou que as participantes nunca recorreram a comportamentos sexualmente agressivos, enquanto uma pontuação ≥ 1 indicou que as participantes já recorreram, pelo menos uma vez, a comportamentos sexualmente agressivos. Esta variável (*score* total da SABS) foi então transformada numa nova variável, com a designação de Grupo, tendo sido codificada da seguinte forma: 1 = mulheres sexualmente não agressivas (pontuação na SABS = 0) e 2 = mulheres sexualmente agressivas (pontuação na SABS ≥ 1). Em seguida, analisou-se a frequência da variável Grupo, bem como as frequências das subescalas (i.e., Coação Sexual, Abuso Sexual e Força Física).

Posteriormente, para explorar se existiam diferentes perfis de mulheres sexualmente agressivas, foi realizada uma análise de clusters. Para a formação destes clusters utilizou-se as três estratégias sexualmente agressivas, ou seja, coação sexual, abuso sexual e força física. Esta análise foi realizada com a amostra total de estudantes universitárias que reportaram ter recorrido, pelo menos uma vez, a estratégias sexualmente agressivas na interação com o sexo oposto. Assim, numa primeira fase, realizou-se a análise através do método hierárquico que

forneceu um conjunto de agrupamentos possíveis (i.e., clusters). Em seguida, realizou-se a análise não-hierárquica *k-means*.

Finalmente, com o intuito de avaliar diferenças significativas entre os perfis encontrados nas variáveis dependentes (i.e., sintomas psicopatológicos, crenças sobre violência sexual, dificuldades de regulação emocional e grau de intimidade percebido), recorreu-se a uma análise da multivariância (MANOVA), tendo a variável “perfis” sido introduzida como fator fixo e as variáveis “sintomas psicopatológicos”, “crenças sobre violência sexual”, “dificuldades de regulação emocional” e “Grau de intimidade percebido” como variáveis dependentes. As comparações múltiplas de médias foram calculadas com o ajustamento de Bonferroni. A magnitude do efeito foi calculada com recurso ao *partial eta squared* (η^2p), sendo $\eta^2p = .01$ considerado um efeito pequeno, $\eta^2p = .06$ considerado um efeito médio e $\eta^2p = .14$ considerado um efeito elevado (Tabachnick & Fidell, 2013).

Resultados

1. Prevalência de comportamentos sexualmente agressivos

Através da análise das pontuações obtidas no *score* total da escala SABS, foi possível verificar que 174 (31.1%) das participantes já recorreram, pelo menos uma vez, a estratégias sexualmente agressivas na interação com o sexo oposto. Deste grupo de participantes, 106 (60.9%) já recorreram a estratégias de abuso sexual, 101 (58%) a estratégias de coação sexual e 15 (8.6%) a estratégias de força física. Por outro lado, 385 participantes (68.9%) reportaram nunca ter utilizado estratégias sexualmente agressivas na interação com o sexo oposto. Na Tabela 2, apresenta-se o número de participantes (com as respetivas percentagens) que responderam afirmativamente a cada um dos itens da escala SABS.

Tabela 2. Frequência de repostas assinaladas com 1 (pelo menos uma vez) aos itens da escala SABS

Itens	N	%
Abuso sexual		
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem usando a sua posição de poder ou autoridade (baby-sitter, professora, conselheira, supervisora, patroa, entre outros)?	6	1.1
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem com 12 a 18 anos de idade e mais novo 5 ou mais anos do que você?	68	12.2

Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem levando-o a embriagar-se ou a drogar-se?	8	1.4
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem tirando partido de uma situação comprometedor onde ele estava (estando ele num sítio onde não pertencia ou quebrando alguma regra)?	43	7.7
Coação Sexual		
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem ameaçando acabar com a vossa relação?	20	3.6
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem dizendo coisas que no fundo não queria dizer?	63	11.3
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem pressionando-o com argumentos verbais?	40	7.2
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem questionando a sua sexualidade (sugerindo que ele poderia ser impotente ou gay)?	19	3.4
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem ameaçando magoar-se a si mesma?	4	0.7
Força Física		
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem ameaçando usar algum tipo de força física (puxando-o, agarrando-o, atingindo-o, entre outros)?	5	0.9
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem usando algum tipo de força física?	12	2.1

2. Análise de clusters

Os resultados da análise de clusters demonstraram a existência de dois perfis indicadores de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitárias, tendo sido denominados de: (1) Mulheres que recorrem às três estratégias de forma igualitária e (2) Mulheres que recorrem maioritariamente à coação sexual (cf. Tabela 3).

Especificamente, o Perfil 1: Mulheres que recorrem às três estratégias de forma igualitária (n= 139, 79.9%) foi caracterizado por estudantes universitárias com comportamentos sexualmente agressivos que reportaram recorrer com a mesma frequência às estratégias de coação sexual, abuso sexual e força física.

Por sua vez, o Perfil 2: Mulheres que recorrem maioritariamente à coação sexual (n= 35, 20.1%) foi caracterizado por estudantes universitárias com comportamentos sexualmente agressivos que reportaram recorrer em menor número a estratégias de força física e abuso sexual para iniciar o contacto sexual, utilizando, com mais frequência estratégias de coação sexual.

Tabela 3. Análise de Clusters: Frequência e Percentagem por Cluster

<i>Cluster</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Mulheres que recorrem às três estratégias de forma igualitária	139	79.9
Mulheres que recorrem maioritariamente à coação sexual	35	20.1
Total	174	100

A ANOVA demonstrou que apenas a Coação Sexual contribuiu para a formação dos perfis, sendo, por isso, esta a estratégia que os distingue. O Abuso Sexual e a Força Física não contribuíram para a formação dos perfis (cf. Tabela 4).

Tabela 4. Análise de Clusters: Centros dos Clusters, estatística F e *p-value*

<i>Centro dos Clusters</i>				
	<i>Mulheres que recorrem às três estratégias de forma igualitária</i>	<i>Mulheres que recorrem maioritariamente à Coação Sexual</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
Coação Sexual	.47	2.29	360.020	<.001
Abuso Sexual	.73	.66	.358	.551
Força Física	.08	.17	2.145	.145

3. Diferença entre os perfis nas variáveis dependentes

Para avaliar as diferenças significativas entre os perfis encontrados (Mulheres que recorrem às três estratégias de forma igualitária e Mulheres que recorrem maioritariamente à coação sexual) nas variáveis dependentes (Sintomas Psicopatológicos, Crenças sobre a Violência Sexual, Dificuldades de Regulação Emocional e o Grau de Intimidade Percecionado, foi utilizada uma subamostra aleatória do perfil de Mulheres que recorrem às três estratégias de forma igualitária ($n = 50$) e a amostra total do perfil das Mulheres que recorrem maioritariamente à Coação Sexual ($n = 35$).

3.1 Sintomas Psicopatológicos e Crenças sobre a Violência Sexual

Os resultados da análise multivariada demonstraram que não existe um efeito significativo do fator (i.e., perfis) sobre o compósito de variáveis (i.e., Sintomas

Psicopatológicos e Crenças sobre a Violência Sexual) (Wilk's $\Lambda = .900$, $F = .819$, $p = .611$, $\eta^2_p = .100$). Tal como reportado na Tabela 5, a análise univariada não revelou diferenças significativas entre nenhum dos perfis nas variáveis supramencionadas. De acordo com o *partial eta squared*, as magnitudes dos efeitos encontradas para estas comparações foram pequenas.

Tabela 5. Análise univariada: diferenças entre os perfis para os sintomas psicopatológicos e crenças sobre a violência sexual

	<i>Mulheres que recorrem às três estratégias de forma igualitária</i>		<i>Mulheres que recorrem maioritariamente à Coação Sexual</i>		<i>F</i>	<i>P</i>	η^2_p
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Somatização	1.88	.74	1.69	.67	1.509	.223	.018
OC	2.41	.79	2.54	.79	.560	.456	.007
SI	2.20	.99	2.36	.77	.626	.431	.007
Depressão	2.28	1.00	2.30	.79	.008	.929	.000
Ansiedade	2.26	.78	2.12	.74	.711	.401	.008
Hostilidade	2.23	.87	2.04	.68	1.186	.279	.014
AF	1.79	.68	1.77	.87	.008	.930	.000
IP	2.49	.86	2.44	.75	.083	.774	.001
Psicoticismo	2.12	.85	2.09	.81	.024	.877	.000
Crenças VS	43.10	12.83	43.05	15.48	.000	.989	.000

Nota. OC = Obsessões-Compulsões; SI = Sensibilidade Interpessoal; AF = Ansiedade Fóbica; IP = Ideação Paranóide; Crenças VS = Crenças sobre a Violência Sexual.

3.2 Dificuldades de Regulação Emocional

Com base na análise multivariada, foi possível observar a inexistência de um efeito significativo do fator (i.e., perfis) sobre o compósito de variáveis (i.e., Dificuldades de Regulação Emocional) (Wilk's $\Lambda = .940$, $F = .823$, $p = .556$, $\eta^2_p = .060$). Tal como reportado na Tabela 6, a análise univariada não revelou diferenças significativas entre os perfis nas variáveis dependentes. De acordo com o *partial eta squared*, as magnitudes dos efeitos foram pequenas.

Tabela 6. Análise univariada: diferenças entre os perfis para as dificuldades de regulação emocional

	<i>Mulheres que recorrem às três estratégias de forma igualitária</i>		<i>Mulheres que recorrem maioritariamente à Coação Sexual</i>		<i>F</i>	<i>p</i>	η^2_p
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
NA	15.46	6.19	17.51	6.04	2.309	.132	.027
DO	16.52	4.11	16.88	3.89	.170	.681	.002

DI	15.30	5.41	15.05	3.88	.052	.821	.001
FCo	13.40	4.37	14.57	4.53	1.435	.234	.017
AL	19.54	6.75	20.45	6.40	.395	.531	.005
FCI	12.94	4.49	13.91	4.40	.931	.337	.011

Nota. Mulheres que recorrem maioritariamente à CS = Mulheres que recorrem maioritariamente à coação sexual;

NA = Não Aceitação da Resposta Emocional; DO = Dificuldades em orientar os comportamentos para Objetivos;

DI = Dificuldades no controlo de Impulsos; FCo = Falta de Consciência Emocional; AL = Acesso Limitado a Estratégias de Regulação Emocional; FCI = Falta de Clareza Emocional.

3.3 Grau de Intimidade Percecionado

De acordo com a análise multivariada, não se verificou um efeito significativo do fator (i.e., perfis) sobre o compósito de variáveis (i.e., Grau de intimidade percecionado) (Wilk's $\Lambda = .914$, $F = 2.543$, $p = .062$, $\eta^2_p = .086$). Tal como reportado no Tabela 7, a análise univariada revelou diferenças significativas entre os perfis na Validação Pessoal e Comunicação, sendo que a comparação múltipla de médias, através da correção Bonferroni, mostrou que as mulheres que recorrem às três estratégias de forma igualitária apresentaram valores médios superiores às mulheres que recorrem maioritariamente à coação sexual. De acordo com o *partial eta squared*, a magnitude dos efeitos foi moderada. Não foram encontradas diferenças significativas entre os perfis na Abertura ao Exterior.

Tabela 7. Análise univariada: diferenças entre os perfis para o Grau de intimidade percecionado

	<i>Mulheres que recorrem às três estratégias de forma igualitária</i>		<i>Mulheres que recorrem maioritariamente à CS</i>		<i>F</i>	<i>p</i>	η^2_p
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
VP	39.68	10.04	33.57	11.38	6.816	.011	.076
Comunicação	29.92	7.52	25.42	9.59	5.840	.018	.066
AE	11.42	4.71	9.82	4.99	2.232	.139	.026

Nota. Mulheres que recorrem maioritariamente à CS = Mulheres que recorrem maioritariamente à coação sexual;

VP = Validação Pessoal; AE = Abertura ao Exterior.

Discussão

Apesar dos recentes dados estatísticos, a violência sexual perpetrada por mulheres continua a passar despercebida no campo académico, social e jurídico, sendo as investigações nesta área ainda muito limitadas (Miller & Marshall, 2018; Wijkman & Bijleveld, 2015;

Williams & Bierie, 2015). Além disso, ainda que os estudantes do ensino superior (nomeadamente do género feminino) se constituam como sendo um importante grupo de risco para a perpetração da VS, os estudos são maioritariamente realizados com amostras forenses (Anderson et al. 2019; Bhochhibhoya et al., 2019; Carvalho & Sá, 2020). Assim, apesar dos fatores de risco dinâmicos serem apontados na caracterização de indivíduos sexualmente agressivos, a escassez de literatura científica em amostras comunitárias (Carvalho, 2018; Carvalho et al., 2018) não permite conhecer se existem diferentes perfis de mulheres sexualmente agressivas, nem analisar o papel que os fatores de risco dinâmicos desempenham neste fenómeno.

Deste modo, este estudo procurou colmatar estas lacunas, tendo como objetivos avaliar a prevalência de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitárias, investigar se existem diferentes perfis de mulheres sexualmente agressivas e testar se existem diferenças entre os perfis no endosso de sintomas psicopatológicos e de crenças sobre a VS, nas dificuldades de regulação emocional e na intimidade percecionada.

No que diz respeito à prevalência de comportamentos sexualmente agressivos, os resultados obtidos demonstraram que 31.1% das participantes já recorreram, pelo menos uma vez, a estratégias sexualmente agressivas na interação com o sexo oposto. Este resultado demonstra que as estudantes universitárias podem também iniciar a interação sexual através de meios agressivos, reforçando a ideia de que estas se podem constituir um importante grupo de risco para a perpetração de VS, à semelhança de estudos anteriores, quer a nível internacional (e.g., Tomaszewska & Krahé 2016), quer a nível nacional (Carvalho et al., 2018; Carvalho & Nobre, 2016).

Deste grupo de participantes, 60.9% já recorreu a estratégias de abuso sexual, 58% a estratégias de coação sexual e 8.6% a estratégias de força física. Tal como demonstrado por estudos prévios (Carvalho et al., 2018; Carvalho & Nobre, 2016), estes dados vêm reforçar que as estudantes universitárias utilizam maioritariamente estratégias *hands-off*, consideradas formas menos severas de VS. Acresce ainda que a força física foi a estratégia menos utilizada, o que está alinhado com a literatura (Carvalho et al., 2018; Carvalho & Nobre, 2016; Tomaszewska & Krahé 2016).

De forma global, estes resultados podem ser explicados pela perceção social das participantes, na medida em que as estudantes universitárias poderão percecionar as estratégias sexualmente agressivas como sendo uma forma positiva, normativa e/ou não agressiva de iniciar contacto sexual com o sexo oposto (Carvalho & Nobre, 2016; Wegner et. al, 2015).

Assim, no âmbito dos programas de prevenção da VS, parece ser fundamental incluir estas perceções sociais e/ou mitos como alvos de mudança (Carvalho et al., 2018).

É relevante referir que neste estudo não se avaliou a prevalência da violação (estratégia *hands-on* considerada mais severa) e que as prevalências apresentadas apenas dizem respeito a comportamentos na forma tentada, não sendo possível avaliar se os mesmos foram consumados. É, também, importante salientar que não foi avaliada a frequência dos comportamentos sexualmente agressivos, pelo que não é possível determinar se comportamentos traduzem um padrão de funcionamento ou atos isolados.

No presente estudo foram encontrados dois perfis de mulheres sexualmente agressivas, (i.e., Mulheres que recorrem às três estratégias de forma igualitária e Mulheres que recorrem maioritariamente à coação sexual). A existência destes dois perfis sugere que as mulheres sexualmente agressivas são um grupo heterogéneo, à semelhança do observado em amostras forenses e amostras do género masculino (Carvalho & Sá, 2020; Carvalho et al., 2018).

Especificamente, o perfil das mulheres que recorrem às três estratégias de forma igualitária (79.9%) aponta para uma forte sobreposição entre as estratégias, mesmo que a frequência seja diferente. Assim, estes resultados sugerem que o uso de uma combinação de estratégias poderá ser uma prática comum entre mulheres que utilizam estratégias sexualmente agressivas (Carvalho et al., 2018).

O perfil das Mulheres que recorrem maioritariamente à coação sexual (20.1%) reforça os dados de diversos estudos prévios que também indicam a coação sexual como a estratégia utilizada pelas mulheres como meio de iniciar o contacto sexual (Carvalho & Nobre, 2016; Carvalho et al., 2018; Turchik, 2012). A literatura refere que esta estratégia *hands-off* poderá disfarçar o comportamento sexualmente agressivo como sendo um comportamento socialmente aceitável, pelo que tal poderá explicar por que razão esse comportamento não é, na maioria das vezes, considerado agressivo pelos perpetradores, vítimas e/ou pela sociedade (Carvalho & Nobre, 2016).

Relativamente às diferenças entre os perfis nos fatores de risco dinâmicos, os resultados demonstraram não existirem diferenças significativas em ambos os perfis de mulheres sexualmente agressivas no endosso de sintomas psicopatológicos, crenças e mitos sobre VS e dificuldades de regulação emocional. Estes resultados sugerem que outros possíveis fatores de risco possam distinguir os perfis, como por exemplo variáveis sociodemográficas e cognitivas/culturais, suporte social e isolamento, agressividade, entre outras.

No que diz respeito à intimidade, os perfis distinguem-se na Validação Pessoal e Comunicação. Especificamente, os resultados demonstram que o perfil das mulheres que recorrem maioritariamente à coação sexual sentem-se menos validadas pelo parceiro e consideram existir menos comunicação entre o casal, comparativamente ao perfil das mulheres que recorrem às três estratégias de forma igualitária. Estes resultados podem sugerir que a coação sexual poderá ser utilizada como uma estratégia de disfuncional de comunicação e/ou de procura de validação pessoal por parte do parceiro. Desta forma, em congruência com outros estudos, os resultados parecem demonstrar que as mulheres sexualmente agressivas apresentam dificuldades em relações de intimidade (Cortoni & Gannon, 2013; Cortoni & Gannon, 2016; Martin & Tardif, 2015).

Embora a investigação incidente no papel das dificuldades em estabelecer relações de intimidade em indivíduos sexualmente agressivos - nomeadamente pertencentes a amostras comunitárias e do género feminino - ainda seja limitada, os resultados da literatura em conjunto com os do presente estudo, parecem demonstrar que o grau de intimidade relacional percebido pelas mulheres sexualmente agressivas pode desempenhar um papel acrescido na perpetração de VS. Revela-se, assim, fulcral que estudos futuros procurem compreender o papel das dificuldades em estabelecer relações de intimidade em mulheres sexualmente agressivas, quer de amostras comunitárias quer de amostras forenses.

No que diz respeito às limitações deste estudo, importa destacar o número reduzido de participantes em cada um dos perfis, pelo que os resultados devem ser interpretados com cautela, sobretudo no que diz respeito à generalização dos mesmos. Além desta limitação, neste estudo não foi utilizada nenhuma medida de desejabilidade social, o que poderá ter tido influência direta nos resultados obtidos, na medida em que todas as escalas utilizadas são de autorrelato, estando sujeitas a enviesamentos. Outra limitação prende-se com o facto da escala SABS avaliar o recurso a estratégias sexualmente agressivas apenas na forma tentada, não sendo, por isso, possível avaliar se os comportamentos foram ou não consumados. Esta escala também não avalia a frequência dos comportamentos sexualmente agressivos, pelo que não é possível concluir se estamos perante um padrão comportamental ou atos isolados. Neste sentido, é crucial que estudos futuros incluam uma escala de desejabilidade social, assim como uma escala que permita avaliar a frequência das estratégias sexualmente agressivas na forma consumada. Além disso, os dados obtidos referem-se a uma população específica (i.e., mulheres estudantes universitárias heterossexuais), não podendo, desta forma, ser generalizados para outro tipo de populações, pelo que seria pertinente a realização de estudos futuros com outras

populações - nomeadamente em amostras da comunidade LGBTQIA+ e em amostras forenses - de modo a aprofundar o papel que os sintomas psicopatológicos, as crenças sobre VS, as dificuldades de regulação emocional e as dificuldades em estabelecer relações de intimidade desempenham na VS.

Apesar destas limitações, são de realçar as potencialidades deste estudo, nomeadamente o facto de este ser, até ao momento, o único estudo que procurou explorar a existência de diferentes perfis de mulheres sexualmente agressivas e testar possíveis diferenças entre os perfis em fatores de risco dinâmicos (psicopatologia, mitos sobre a VS, dificuldades de regulação emocional e em relações de intimidade).

O presente estudo sugere que, recorrendo aos perfis encontrados, se identifiquem grupos de risco na população universitária, de forma a trabalhar junto destes na prevenção da VS. Para tal, revela-se pertinente o desenvolvimento e implementação de programas de prevenção da VS em contexto universitário, sendo importante os mesmos terem em conta as especificidades inerentes ao género feminino, com o intuito de evitar a ocorrência e/ou a escalada de comportamentos sexualmente agressivos nesta população (Anderson et al., 2019, Larsen & Hilden, 2016).

Tendo em conta que a VS perpetrada por mulheres desafia as crenças sociais e mitos acerca das mulheres endossarem papéis passivos nas relações sexuais e interpessoais, seria relevante que os programas vocacionados especificamente para o género feminino incluíssem componentes tais como os mitos e crenças acerca da VS (Carvalho et al., 2018). Além desta componente, revelar-se-ia útil diminuir eventuais vulnerabilidades psicológicas e dotar as estudantes universitárias com competências eficazes de gestão de stress e regulação emocional (Carvalho et al., 2018; Cortoni & Gannon, 2016).

Por último, é de realçar a importância de se abordar as relações interpessoais de intimidade nos programas de prevenção da VS, assim como as estratégias de *coping* disfuncionais que as mulheres sexualmente agressivas parecem apresentar em relações de intimidade (Martin & Tardif, 2015).

Referências

- American Psychological Association. (2018). *Sexual abuse*. APA. Retirado de: <https://www.apa.org/topics/sexual-abuse/index.aspx>
- Anderson, P. B. (1996). Correlates of college women's self-reports of heterosexual aggression. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 8(2), 121-131.
- Anderson, R. E., Silver, K. E., Ciampaglia, A. M., Vitale, A. M., & Delahanty, D. L. (2019). The frequency of sexual perpetration in college men: A systematic review of reported prevalence rates from 2000 to 2017. *Trauma, Violence, & Abuse*. <https://doi.org/10.1177/1524838019860619>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2013). *Manual Unisexo - para o atendimento a vítimas adultas de violência sexual*. APAV. Disponível em: https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Manual_UNISEXO.pdf
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2018). *Estatísticas APAV: Crimes sexuais 2013-2018*. APAV. Disponível em: https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_CrimesSexuais_2013_2018.pdf
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2022a). *O que é a Violência Sexual?*. APAV Unisexo. <https://apav.pt/unisexo2/index.php/pt/features>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2022b). *Quem é a Vítima?*. APAV Unisexo. <https://apav.pt/unisexo2/index.php/pt/widgetkit>
- Baker, S., 2014. Female Sex Offenders and Pariah Femininities: Rewriting the Sexual Scripts. *Journal of Criminology*. DOI: 10.1155/2014/414525
- Bhochhibhoya, S., Maness, S., Cheney, M. & Larson, D. (2019). Risk Factors for Sexual Violence Among College Students in Dating Relationships: An Ecological Approach. *Journal of Interpersonal Violence*. DOI: 10.1177/0886260519835875
- Bouffard, J., Bouffard, L. & Miller, H. (2016). Examining the Correlates of Women's Use of Sexual Coercion: Proposing an Explanatory Model. *Journal of Interpersonal Violence*. DOI: 10.1177/0886260515575609
- Brennan, C. L., Swartout, K. M., Goodnight, B. L., Cook, S. L., Parrott, D. J., Thompson, M. P., Newins, A. R., Barron, S. R. B., Carvalho, J., & Leone, R. M. (2019). Evidence for multiple classes of sexually violent college men. *Psychology of Violence*, 9(1), 48–55. <https://doi.org/10.1037/vio0000179>

- Budd, K. M. (2017). Female Sexual Offenders. *Handbook of Behavioral Criminology*, 297-311. https://doi.org/10.1007/978-3-319-61625-4_17
- Canavarro, M. C. (1999). Relações afetivas e saúde mental: Uma abordagem ao longo do ciclo da vida. *Quarteto*, Portugal: Coimbra.
- Carvalho, J. (2018). Female Sexual Offenders: An Area to be Explored. *Journal of Forensic Medicine Forecast*.
- Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2013). Dynamic factors of sexual aggression: The role of affect and impulsiveness. *Criminal Justice and Behavior*, 40, 376-387. <https://doi.org/10.1177/0093854812451682>
- Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2016). Psychosexual characteristics of women reporting sexual aggression against men. *Journal of interpersonal violence*, 31(15), 2539-2555. <https://doi.org/10.1177/0886260515579504>
- Carvalho, J., & Sá, A. (2020). Male college students using sexually aggressive strategies: Findings on the interpersonal relationship profile. *Journal of Interpersonal Violence*. doi:10.1177/0886260516689779
- Carvalho, J., Rosa, P. J., & Pereira, B. (2018). Dynamic risk factors characterizing aggressive sexual initiation by female college students. *Journal of interpersonal violence*. <https://doi.org/10.1177/0886260518760010>
- Casey, S. (2016). Dynamic risk and sexual offending: the conundrum of assessment. *Psychology, Crime & Law*. DOI: 10.1080/1068316X.2015.1111366
- Centers for Disease Control and Prevention (CDC), (2018). *National Intimate Partner and Sexual Violence Survey* (NISVS).
- Cohn, A., Zinzow, H. M., Resnick, H. S., & Kilpatrick, D. G. (2013). Correlates of reasons for not reporting rape to police: Results from a national telephone household probability sample of women with forcible or drug-or-alcohol facilitated/ incapacitated rape. *Journal of Interpersonal Violence*, 28, 455-473.
- Cortoni, F. (2015). What Is So Special About Female Sexual Offenders? Introduction to the Special Issue on Female Sexual Offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*. DOI: 10.1177/1079063214564392
- Cortoni, F., & Gannon, T.A. (2013). What works with female sexual offenders. In Craig, L., Dixon, L., & Gannon, T. A. (Eds), *What works in offender rehabilitation: An evidence based approach to assessment and treatment* (pp. 271-284). DOI: 10.1002/9781118320655.ch15

- Cortoni, F., & Gannon, T.A. (2016). The assessment of female sexual offenders. In L. Craig & M. Rettenberger (Eds). *Assessment of Sexual Offenders*.
- Cortoni, F., Babchishin, K. & Rat, C., 2016. The proportion of sexual offenders who are female is higher than thought. *Criminal Justice and Behavior*. DOI: 10.1177/0093854816658923
- Coutinho, J.; Ribeiro, E.; Ferreira, R. & Dias, P. (2010). Versão portuguesa da Escala de Dificuldades de Regulação Emocional e sua relação com sintomas psicopatológicos. *Psiquiatria Clínica*, 37(4),145-151.
- Craig, A. N., Peterson, Z. D., Janssen, E., Goodrich, MBA, D., & Heiman, J. R. (2020). The Impact of Sexual Arousal and Emotion Regulation on Men's Sexual Aggression Proclivity. *Journal of interpersonal violence*. <https://doi.org/10.1177%2F0886260520915544>
- Derogatis, L. R., & Spencer, P. M. (1993). Brief symptom inventory: *BSI* (Vol. 18). Upper Saddle River, NJ: Pearson.
- Fisher, N. & Pina, A. (2013). An overview of the literature on female-perpetrated adult male sexual victimization. *Aggression and Violent Behavior*, 18 (2013) 54–61
- Francia, C. A., Coolidge, F. L., White, L. A., Segal, D. L., Cahill, B. S., & Estey, A. J. (2010). Personality disorder profiles in incarcerated male rapists and child molesters. *American Journal of Forensic Psychology*, 28, 1-14.
- Gannon, T. A., Hoare, J., Rose, M. R., & Parrett, N. (2012). A re-examination of female child molesters' implicit theories: Evidence of female specificity? *Psychology, Crime and Law*, 8, 209-224. doi: 10.1080/10683161003752303.
- Gannon, T. A., Rose, M. R., & Ward, T. (2010). Pathways to female sexual offending: Approach or avoidance. *Psychology, Crime & Law*, 16, 359-380.
- Gannon, T.A., Rose, M.R., and Ward, T. (2008) A descriptive model of the offense process for female sexual offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 20: 352–74.
- Garland, B., Calfano, B. & Wodahl E. (2018). College Student Perceptions of Notification About Sex Offenders on Campus. *Criminal Justice Policy Review*. DOI: 10.1177/0887403416651670
- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: Development, factor structure, and initial validation of the difficulties in

- emotion regulation scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*.
<https://doi.org/10.1023/B:JOBA.00000007455.08539.94>
- Harrati, S., Coulanges, M., Derivois D. & Vavassori, D. (2018): Qualitative Study on the Traumatic Experiences of Female Sex Offenders, *Journal of Loss and Trauma*, DOI: 10.1080/15325024.2018.1436869
- Hines, D.A. & Douglas, E.M. (2016) Sexual aggression experiences among male victims of physical partner violence: Prevalence, severity, and health correlates for male victims and their children. *Archives of Sexual Behavior*, 45: 1133–51.
- Jozkowski, K. N., & Peterson, Z. D. (2013). College students and sexual consent: Unique insights. *Journal of Sex Research*, 50, 517–523.
- Larsen, L., & Hilden, M. (2016). Male victims of sexual assault: 10 years' experience from a Danish assault center. *Journal of Forensic and Legal Medicine*, 43: 8-11.
- Martin, G. & Tardif, M. (2015). Examining sex offenders' intimacy deficits: their nature and their influence on sexually abusive behaviours, *Journal of Sexual Aggression*, 21:2, 158-178, DOI: 10.1080/13552600.2013.849768
- Martínez-Catena A, Redondo S., Frerich N. & Beech, A. (2017). A Dynamic Risk Factors-Based Typology of Sexual Offenders. *Int J Offender Ther Comp Criminol*. DOI: 10.1177/0306624X16629399.
- Moreira, H., Amaral, A. & Canavarro M. (2009). Adaptação do Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR) para a população portuguesa: Estudo das suas características psicométricas. *Psychologica*, 50, 339-359.
- Rosa, P. J., Brazão, N., & Carvalho, J. (2021). Psychometric properties of the Sexually Aggressive Behaviors Scale: Factor structure, reliability and construct validity in a sample of Portuguese female college students. Manuscript under review.
- Schaefer, M., & Olson, D. (1981). Assessing Intimacy: The PAIR Inventory. *Journal of Marital and Family Therapy*, 7(1), 47-60.
- Sónia Martins, S., Machado, C., Abrunhosa, R. & Manita, C. (2012). Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS). *Análise Psicológica*.
- Stathopoulos, M., 2014. The exception that proves the rule: Female sex offending and the gendered nature of sexual violence. Australian Centre for the Study of Sexual Assault.
- Stemple, L., Flores, A. & Meyer, I., 2016. Sexual victimization perpetrated by women: Federal data reveal surprising prevalence. *Aggression and Violent Behavior*, <http://dx.doi.org/10.1016/j.avb.2016.09.007>

- Tasca, M., Rodriguez, N., Spohn, C., & Koss MP. (2013) Police decision making in sexual assault cases: Predictors of suspect identification and arrest. *Journal of Interpersonal Violence*. 2013; 28: 1157-1177.
- Thornton, V. (2014). Understanding the emotional impact of domestic violence on young children. *Educational & Child Psychology*, 31(1), 90-100.
- Tomaszewska, P. & Krahé, B. (2016). Sexual Aggression Victimization and Perpetration Among Female and Male University Students in Poland. *Journal of Interpersonal Violence*. DOI: 10.1177/0886260515609583
- Tozdan, S., Briken, P., and Dekker, A. (2019) Uncovering female child sexual offenders – Needs and challenges for practice and research. *Journal of Clinical Medicine*, 8(3): 401.
- Turchik, J. A., & Edwards, K. M. (2012). Myths about male rape: A literature review. *Psychology of Men & Masculinity*, 13(2), 211–226. <https://doi.org/10.1037/a0023207>
- Walfield, S. (2018). “Men Cannot Be Raped” Correlates of Male Rape Myth Acceptance. *Journal of Interpersonal Violence*. DOI: 10.1177/08862051817777
- Williams, K. & Bieri, D. (2015). An Incident-Based Comparison of Female and Male Sexual Offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*. DOI: 10.1177/1079063214544333
- World Health Organization. (2012). Sexual violence. *World Health Organization*. Retrieved from http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/77434/1/WHO_RHR_12.37_eng.pdf
- World Health Organization. (2014). Violence against women: intimate partner and sexual violence against women: intimate partner and sexual violence have serious short- and long-term physical, mental and sexual and reproductive health problems for survivors: fact sheet. *World Health Organization*. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/112325>